

A prática docente do professor de português para estrangeiros para uma aprendizagem crítica: formação de professores

The teaching practice of teachers of portuguese as a foreign language to a critical learning: teacher education

Verônica Pereira Coitinho ^[a]

^[a] Professora na Facinter e na Esic. Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas - Português para Estrangeiros pela UFPR e mestranda em Educação pela PUCPR. vpcoitinho@terra.com.br

Resumo

Este artigo apresenta a pesquisa em andamento no curso de mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e trata-se de uma introdução ao tema: “A prática docente de português para estrangeiros para uma aprendizagem crítica: formação de professores”. O objetivo de pesquisar este tema foi de contribuir para a área de português para estrangeiros fornecendo indicativos de uma proposta de prática pedagógica desse professor, tomando-se como base o ensino reflexivo. Para tanto, foram utilizadas gravações das aulas da professora pesquisadora e entrevistas abertas e semi-estruturadas realizadas com três professoras do Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Os resultados parciais da pesquisa possibilitaram inferir que o trabalho com questões relativas à cultura, economia, política e sociedade brasileiras pode auxiliar no ensino da língua portuguesa para estrangeiros no sentido de aproximar o aluno da cultura e sociedade em que está vivendo. Acredita-se que essa aproximação pode facilitar o processo de aprendizagem da língua-alvo que, conseqüentemente, refletirá na competência de uso dessa língua.

Palavras-chave: Português para estrangeiros, formação de professores, ensino reflexivo, ensino de línguas.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu da necessidade de um maior embasamento teórico na área que somada a dúvidas e recorrências advindas da prática pedagógica no ensino de português como língua estrangeira (doravante PLE) da professora pesquisadora. A área de português para estrangeiros apresenta ainda muitas lacunas a serem preenchidas: há pouca oferta de cursos de formação específica, e as pesquisas na área são escassas ou pouco divulgadas, se tomarmos por comparação pesquisas realizadas em outras línguas, como inglês e francês. Essas lacunas se revertem em dúvidas quanto à atuação em sala de aula que, muitas vezes, se dá sem uma base específica de conhecimentos teóricos e práticos sobre o ensino de PLE.

Saber como tratar os vários aspectos que compõem o ensino de PLE, tais como: o conhecimento metalingüístico do português a fim de compreender o funcionamento da língua, os aspectos culturais que envolvem tanto o uso da língua quanto a relação de professor e alunos, saber quais são os objetivos de ensinar a língua da forma como é ensinada, são alguns dos aspectos que envolvem o ensino de português para estrangeiros e que, nem sempre, encontram-se delineados quando o professor entra em sala de aula.

Acredita-se que a análise da própria prática pedagógica aponta para novas formas de conceber o ensino e a aprendizagem e que, portanto, esse processo de reflexão necessita ser um processo constante na vida do professor, o qual se depara, a cada novo curso e a cada novo aluno, com situações diversas de ensino e aprendizagem. De acordo com Paulo Freire (1996), a busca, a indagação e a pesquisa, não são qualidades ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar, mas fazem parte da natureza prática docente. Assim, o professor é um pesquisador e precisa de formação permanente.

Corroborando com essa perspectiva e considerando-se que a sociedade atual conduz todos a uma visão paradigmática voltada para o conhecimento, o professor, sob esse enfoque, caminha para uma prática pedagógica na qual deve atuar de forma dinâmica, crítica e criativa, percebendo que é “orquestrador do processo educativo e que precisa propiciar um ambiente que

instrumentalize o aluno para sua emancipação social.” (BEHERENS, 2005, p. 83). Conforme afirma Donald Schön (1992, p. 80), “estamos agora no meio de um dos processos cíclicos de reforma educativa”.

Na educação, tal reforma leva a um conflito entre o saber escolar e a reflexão na prática pedagógica de professores, considerando-se que a formação teórico-crítica do professor envolve dois tipos de conhecimento: um conhecimento teórico sobre a natureza da linguagem em sala de aula e fora dela e um conhecimento sobre o uso da linguagem em sala de aula, isto é, sobre os processos de ensino e aprendizagem. Este estudo questiona de que maneira o professor de português para estrangeiros atua em sua prática de ensino e busca apontar indicativos para uma ação docente inovadora que permita produzir conhecimento como possibilidade de os alunos refletirem criticamente.

2. A ABORDAGEM REFLEXIVA

Tomando-se particularmente a abordagem reflexiva no ensino de línguas sob uma perspectiva histórica, menciona-se que esta antecede a abordagem comunicativa a qual ganhou expressão na década de 1980. Segundo Maria José Coracini (2003), antes da abordagem comunicativa, já havia uma preocupação em ensinar a refletir na instituição escolar. Na pedagogia de línguas, com os estudos da psicologia cognitivista, contrapondo à visão behaviorista da aprendizagem, passou-se a centrar a atenção no *aluno*, preconizando-se uma metodologia centrada neste.

Em meados dos anos de 1990, o interesse pelo chamado professor reflexivo, abordagem reflexiva ou ensino reflexivo passou a ter mais relevância entre os pesquisadores preocupados com a formação do professor. Segundo Coracini (2003), a abordagem reflexiva teve grande repercussão no Brasil devido ao fato de ser este um país em que o desejo de transformar vem da constatação de que os professores, sobretudo os da rede oficial de ensino, acomodaram-se à rotina e, por isso, pouco fazem para tornar suas aulas atraentes, inovadoras e eficientes.

Nos últimos 15 anos é que o conceito e a prática do professor reflexivo (ou ensino reflexivo) ganharam terreno nos sistemas educativos do Ocidente. Dentre os autores que abordam o assunto, pode-se citar Donald Schön (1992) e, mais especificamente no ensino de línguas estrangeiras, Jack Richards e Charles Lockhart (2005), Luiz Paulo da Moita Lopes (2000) e José Carlos Paes Almeida Filho (1997, 2005), embora se encontrem referências sobre a questão em obras produzidas anteriormente como as de John Dewey, na década de 1950.

Os autores em questão destacam a importância de o professor analisar constantemente sua prática pedagógica para fazer escolhas, embasadas teoricamente, sobre o quê, como e por quê ensinar.

Dessa forma, uma atitude reflexiva requer um sujeito crítico e consciente, capaz de construir sua metodologia ou atividades metodológicas para implementar sua prática e, com isso, buscar atingir seus objetivos e os objetivos do aluno, conduzindo-o à autonomia. É sob esse enfoque que se pretende problematizar a abordagem reflexiva na formação de professores de PLE na pesquisa que segue.

3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

O presente estudo tomará por base a pesquisa etnográfica de caráter qualitativo e interpretativo. A adoção desse tipo de pesquisa justifica-se por focar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo, ou seja, a prática pedagógica do professor de português para estrangeiros envolve um abrangente campo de trabalho relacionado a outras culturas, no caso, a cultura dos alunos estrangeiros e a cultura envolvida no ensino da língua portuguesa.

Em um primeiro momento deste estudo, procurou-se lançar um olhar sobre a prática pedagógica da professora pesquisadora, com as gravações de suas aulas para, em um segundo momento, contrastar os dados obtidos por meio da análise dessas aulas com as experiências das professoras colaboradoras.

Dessa forma, o *corpus* desta pesquisa é constituído pelas gravações das aulas da professora pesquisadora, realizadas com dois alunos estrangeiros, ambos falantes nativos de inglês, e pelas entrevistas, abertas e semi-estruturadas, realizadas com três professoras do Centro de Línguas da UFPR com a finalidade de cruzar dados e, com isso, buscar reduzir o caráter subjetivo do estudo por meio de outras reflexões e práticas que não fossem as da professora pesquisadora.

4. A PRÁTICA DE ENSINO DE PLE

4.1. Aulas particulares de português para estrangeiros

4.1.1. O perfil dos alunos

No decorrer das aulas particulares lecionadas pela professora pesquisadora, pôde-se constatar que os alunos estrangeiros que buscam aulas de português são estudantes com faixa etária entre 16 e 25 anos, mas, em sua maioria, são adultos executivos com idades entre 30 e 50 anos, com uma boa situação financeira que vêm trabalhar em multinacionais por um período de dois a quatro anos e, também, por esposas desses executivos que vêm acompanhá-los.

Tais constatações convergem com o perfil dos alunos estrangeiros da cidade de São Paulo no final da década de 1990, traçado por Júlia Cristina Kunzendorff (1997), após realizar visitas a escolas de idiomas para a realização de uma pesquisa denominada “Considerações quanto ao ensino de Português para estrangeiros adultos”, o que permite dizer que as aulas de PLE têm um contexto e um público parcialmente definido.

O perfil de um dos alunos participantes desta pesquisa enquadra-se dentro das características gerais acima apontadas. Dessa forma, o aluno (A1), um executivo com 44 anos na época em que foram realizadas as gravações, de nacionalidade inglesa, trabalhava em um banco inglês e era casado com uma inglesa que também morava no Brasil. O aluno em questão morou em outros

países, como os Estados Unidos, e mudou-se para o Brasil com a esposa, com uma perspectiva de permanência de dois ou três anos. O A1 já havia estudado durante seis meses com outra professora antes de começar as aulas com a professora pesquisadora, no entanto, apresentava certa dificuldade ao utilizar o português.

As aulas de A1 foram agendadas para três horas semanais, com aulas de uma hora e meia, realizadas ao final da tarde, duas vezes na semana; mas, muitas vezes, as aulas não seguiam os dias e horários agendados ou eram desmarcadas, dada a necessidade de o aluno viajar freqüentemente a trabalho e de comparecer a reuniões.

A outra aluna participante (A2) foge um pouco do perfil traçado, por ser uma jovem de 22 anos, na época das gravações, casada com um brasileiro. A A2, cuja língua materna é o inglês, estava no Brasil há cerca de três meses antes de começar as aulas com a professora pesquisadora. A aluna teve algumas aulas de português com o marido antes de vir para o Brasil e veio para o País, a princípio, a passeio, porém os planos foram alterados, e ela decidiu fixar residência aqui. Essa foi uma decisão que serviu como forte fator motivacional de aprendizagem do português e, em pouco tempo, a A2 estava utilizando a língua portuguesa para se comunicar, embora com muita influência da língua inglesa e com algumas dificuldades na compreensão oral. As demais habilidades, leitura e escrita, eram bem desenvolvidas. A A2 não trabalhava na época em que iniciou as aulas e fazia três horas semanais de português, com aulas de uma hora, três vezes por semana. Algum tempo depois, a A2 teve que reduzir o número de aulas até cessá-las completamente para dar início a um processo de seleção de trabalho.

4.1.2. A análise das aulas

A sistematização e posterior análise das aulas da professora pesquisadora permitiram observar a forte preocupação e o enfoque nas necessidades do aluno, principalmente no que diz respeito à tentativa de fornecer subsídios para que ele se expressasse. Essa característica aponta o

caráter interacional das aulas, em que o aluno é constantemente requisitado a falar, emitir sua opinião e falar sobre suas experiências. Juntamente com a questão da interação, há uma preocupação em sistematizar os pontos utilizados durante as aulas bem como esclarecer erros e dúvidas. Como se pôde observar, pela sistematização realizada, essas atividades ocorrem por meio de exercícios estruturais e exposição, quando a professora retoma os erros e os explica, o que dá um traço estrutural às aulas.

Esse traço estrutural também pode ser verificado nos objetivos do conteúdo trabalhado que, embora traga aspectos relacionados à cultura brasileira e abra espaço para que o aluno some suas experiências e conhecimentos, visa desenvolver algum aspecto gramatical.

Além das constatações acima, foi possível apontar certas recorrências observadas ao longo da prática de ensino do PLE da professora pesquisadora para alunos particulares, principalmente para executivos e esposas de executivos. Entre essas recorrências citam-se: a forte necessidade de tradução para a língua materna, filtro afetivo alto, o medo de cometer erros - aparentemente ligados à questão da faixa etária - e o pouco contato dos alunos com brasileiros e com a cultura brasileira.

4.2. As aulas de português para grupos de estrangeiros

4.2.1. Perfil das professoras entrevistadas

A primeira professora entrevistada (PE1) é formada em Letras e é pós-graduada em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas: Português para Estrangeiros, pela UFPR e leciona há seis anos e meio, atuando com aulas de PLE há seis anos. A PE1 também leciona aulas de língua e cultura italiana e lecionou em diferentes lugares: PUCPR, algumas empresas de consultoria e leciona atualmente no Celin.

A segunda professora entrevistada (PE2) é formada em Letras, é mestra em Lingüística pela UFPR, com dissertação na área de PLE e leciona há

15 anos no Celin com o ensino de PLE. A PE2 também leciona a disciplina de português em cursos do Ensino Superior.

A terceira professora entrevistada (PE3) é formada em Letras, atualmente cursa Direito, tem pós-graduação nas áreas de: Linguística, Neuropsicologia e Aprendizagem. A PE3 exerce o magistério há 20 anos, destes, 12 são de ensino de PLE no Celin e com aulas particulares. Além das aulas de PLE, a PE3 trabalha com o ensino de português como língua materna em cursos do Ensino Superior.

4.2.2. O local de atuação das professoras: Celin

Parte dos dados coletados junto às professoras ocorreu no Celin da UFPR na cidade de Curitiba, da Unidade XV de Novembro, local em que as professoras colaboradoras atuam com aulas de português para estrangeiros. O Celin apresenta duas outras unidades localizadas na Reitoria e na rua João Gualberto. De acordo com informações obtidas no *site*¹ do Celin, esse centro foi criado em 1995 a fim de oferecer aos alunos e professores de graduação e pós-graduação da UFPR um espaço que funciona como uma escola de aplicação, para o desenvolvimento de pesquisas na área de ensino de línguas. O Celin oferece cursos de línguas para alunos, professores e funcionários da UFPR e também da comunidade externa, com horários pela manhã, tarde, noite e também nas manhãs de sábado.

O curso de português para estrangeiros passou a ser oferecido no Celin em 1996 e apresenta, hoje, cursos intensivos de férias de 60 horas, divididas em três horas diárias de segunda a sexta-feira. Tais cursos apresentam os níveis: básico, pré-intermediário, intermediário e avançado, além de cursos regulares com a mesma carga horária do curso intensivo, distribuídas em seis horas semanais, em dois dias diferentes. Os cursos regulares são oferecidos de acordo com os níveis: básico I e II, pré-intermediário, intermediário I, II e III, e avançado I e II.

¹ Informações obtidas no *site*: www.celin.ufpr.br

Caso os alunos já tenham algum conhecimento da língua a ser estudada, passam por um teste de proficiência da língua, denominado *teste de nivelamento*, para depois serem encaminhados para a turma de nível correspondente.

O material adotado nos cursos varia, para o inglês, o francês e o alemão são utilizados livros didáticos. No entanto, o material utilizado para o curso de português para estrangeiros é elaborado pelas professoras, fato comentado por elas nas entrevistas e que será abordado posteriormente na análise dos dados. Com relação ao material, é também importante destacar que há uma divisão entre as professoras na elaboração e aplicação desse material: das três professoras entrevistadas, duas trabalhavam conjuntamente, sendo uma responsável pelo trabalho com textos e outra pela parte audiovisual.

5. Análise das entrevistas

A fim de se procurar responder de que maneira o professor de português para estrangeiros pode atuar em sua prática que permita produzir conhecimento como possibilidade de os alunos refletirem criticamente, buscou-se, primeiramente, a partir das transcrições das entrevistas realizadas, detectar junto às professoras quais eram os objetivos do aluno ao começar o curso.

Duas das professoras entrevistadas (P1 e P2) apontaram como objetivos dos alunos: a comunicação na língua-alvo.

Uma professora (P1) menciona ainda a acuidade na produção oral.

A terceira professora (P3) entrevistada fala a respeito da necessidade, na fase de chegada dos estrangeiros ao Brasil, de se trabalhar um conteúdo de adaptação no Brasil.

As respostas acima mostram um possível enfoque comunicativo nas aulas das professoras P1 e P2 bem como uma outra perspectiva de metodologia da professora P3, voltada para os conhecimentos necessários a um estrangeiro em suas primeiras semanas no Brasil.

Quanto à seleção de conteúdos, deve-se, de acordo com P1, atender às necessidades ou objetivos de cada nível, também considerando-se as necessidades de cada turma. A segunda professora (P2) também demonstra o cuidado quanto à seleção de conteúdos e o perfil de cada grupo.

Quanto ao perfil dos grupos, ambas (P1 e P2) se referem à dificuldade em se trabalhar com alunos orientais e ocidentais em uma mesma turma, apontando as diferenças relativas à cultura de aprender e à falta de interação dos alunos orientais com os colegas ocidentais e com a própria cultura em que estão inseridos no Brasil, como o grande fator de dificuldade em ensinar a língua-alvo. Conforme se verifica nos excertos de P1 e P2, respectivamente:

Fala da professora PE1

Quando se trabalha com regras, os orientais se saem muito bem. No entanto, quando o trabalho exige uma opinião crítica sobre determinado assunto, eles consideram difícil e reagem dizendo: não sei, não gosto, não entendo.

Fala da professora PE2

Os orientais não conseguem fazer um texto com coesão porque eles trabalham estruturalmente, resposta para uma pergunta e só. Claro que isso daí também afeta a produção oral deles. Eles não vão responder ou eles não vão interagir, fazer esse diálogo fluir. Eles vão ficar sempre numa atitude mais passiva e responder o que o colega perguntou.

No que diz respeito a melhor forma de aprender uma língua estrangeira, as professoras PE1 e PE2 apontam a necessidade de o aluno estrangeiro inserir-se na cultura, ao que a P1 aponta como meios: procurar saber sobre o país em que estão morando, assistir aos programas televisivos, ouvir rádio e buscar conhecimentos fora da sala de aula. Corroborando com essa opinião, P2 diz:

Às vezes o aluno vem, frequenta um semestre e ele não, não aprendeu. Por quê? Porque ele ficou em casa. Para que ocorra a aprendizagem e que seja mais profunda, ele tem que se inserir, ele tem que entrar, imergir nessa cultura, né.

Uma outra questão levantada durante as entrevistas relaciona-se à pouca oferta de materiais na área de português para estrangeiros que leva as professoras, dentre outros fatores, a produzirem o material didático utilizado no curso. A pouca oferta de materiais didáticos se relaciona em grande parte

ao enfoque dado ao curso que, segundo a PE1, tem como elemento norteador do curso o exame de proficiência de português do Brasil (Celpe-Bras), que é exigido pelas universidades para o ingresso de alunos estrangeiros em cursos de graduação e em programas de pós-graduação, e também é exigido para validação de diplomas de profissionais estrangeiros que pretendem trabalhar no Brasil.

Um último ponto abordado diz respeito à frequência com que assuntos como cultura, política, sociedade, problemas sociais bem como situações comunicativas são abordadas em sala de aula.

A esse respeito, a PE1 diz quase sempre abordá-los normalmente por meio de textos. Quanto às situações comunicativas, diz sempre serem trabalhadas em aula.

A PE2 afirma que sempre que possível trabalha com situações comunicativas, muitas vezes trazidas pela necessidade dos próprios alunos. Quanto a questões relacionadas aos demais assuntos, diz que são bastante abordados em aula e que não trata somente das coisas boas do Brasil, mas também das coisas ruins. Um exemplo dado pela professora (PE2) sobre o trabalho com questões relacionadas à política foi a utilização da gravação de programas políticos, na época das eleições que ocorreram naquele ano.

Já a PE3 destaca a importância de trabalhar tais assuntos como também a importância do professor ter, além dos conhecimentos lingüísticos que permeiam a aula de língua estrangeira, conhecimentos acerca da história do Brasil, economia e sociologia, para que possa dar um enfoque crítico a suas aulas e, com isso, responder a apontamentos freqüentemente levantados pelos alunos com relação à questões econômicas, sociais e políticas do Brasil.

O fato de as professoras PE1 e PE2 demonstrarem trabalhar com situações comunicativas sempre que possível aponta o caráter comunicativo das aulas e, conseqüentemente, o enfoque na utilização da língua para o bom desempenho em diferentes situações de interlocução que se justifica por lecionarem em um Centro aplicador do teste e também por esse teste ser, de acordo com uma das professoras (P1), o “norte” de suas aulas.

Concluindo, a análise das entrevistas revela alguns pontos que se relacionam com as aulas particulares levando a se constatar a necessidade de uma classificação mais acurada que se pretende realizar em uma última etapa desta pesquisa. No momento serão traçadas apenas duas dessas relações, por serem as mais evidentes e também por uma delas ser a que mais parece inquietar tanto a professora pesquisadora, quanto as professoras entrevistadas.

6. Considerações finais

A análise das entrevistas mostra que, embora os alunos que freqüentam as aulas no Celin sejam compostos, em sua maioria, por jovens estudantes, e que as aulas são lecionadas para grupos e não para alunos individuais os quais têm um perfil diferente, algumas características são comuns tanto nas aulas particulares quanto nas aulas destinadas a grupos de alunos. Dessas características, pode-se apontar:

- a necessidade de elaboração de material, advinda da pouca oferta de materiais no mercado brasileiro, além de outros aspectos como: as diferenças entre as metodologias do professor ou do curso e do livro didático;
- a dificuldade em se ensinar a língua-alvo para os alunos que não a praticam fora da sala de aula, sentida tanto pela professora pesquisadora com relação aos alunos executivos e esposas de executivos, quanto pelas professoras P1 e P2 com relação aos alunos orientais.

Essa última característica comum tanto às aulas particulares quanto às aulas lecionadas para grupos, mostram que se faz necessário um trabalho mais amplo no ensino do PLE. Questionar por que o aluno fica à margem da sociedade do país em que vive e considerar que este é um dos fatores que dificultam a aprendizagem levam a crer que o professor necessita dar um novo enfoque a suas aulas.

A partir disso, pode-se inferir que o trabalho com questões relativas à cultura, economia, política e sociedade brasileiras pode auxiliar no ensino da língua-alvo no sentido de aproximar o aluno da cultura e sociedade em que está vivendo. Sob essa perspectiva, o ensino da língua passa a se dar de forma

diferente e desloca-se da língua enquanto estrutura ou enquanto competência a ser alcançada para a comunicação, para um sentido mais amplo, no qual língua e competência comunicativa estão intimamente ligadas ao seu contexto social, permitindo assim que o aluno se expresse na e por meio da língua estudada.

Referências

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes; LOMBELLO, Leonor Cantareio (Orgs.). **O ensino de Português para Estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

BEHRENS, Marilda Aparecida **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade e discurso: (des) construindo subjetividade**. Campinas: Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

_____. A abordagem reflexiva na formação do professor de língua. *In*: CORACINI, Maria José; BERTOLDO, Sérgio (Orgs.). **O desejo da teoria e a contingência da prática: discurso sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira)**. 2. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

DEWEY, John. **Como pensamos**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e terra, 2005.

KUNZENDORFF, Júlia Cristina. Considerações quanto ao ensino de Português para estrangeiros adultos. *In*: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes; LOMBELLO, Leonor Cantareio (Orgs.). **O ensino de Português para Estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

RICHARDS, Jack C.; LOCKHART, Charles. **Reflective teaching in Second Language Classrooms**. 11. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SCHÖN, Donald. **The reflective practioner: how professionals think in action**. Nova York: Basic Books, 1992.